



Comunicação e Educação Ambiental: um olhar sobre a produção acadêmica de Teses e Dissertações na região sul do Brasil¹

Jamille Almeida da SILVA²

Ilza Maria Tourinho GIRARDI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O trabalho apresenta uma pesquisa exploratória realizada com o objetivo de conhecer qual a realidade da interdisciplinaridade entre Comunicação e Educação Ambiental nas produções dos Programas de Pós-Graduação da região sul do Brasil disponibilizadas no Banco de teses e dissertações da Capes em 2012. Os trabalhos foram analisados de forma descritiva, buscando identificar os pontos norteadores de uma pesquisa: tema, problema, objetivos, hipóteses, referenciais teóricos e metodológicos, objetos de análise. Pela análise das dissertações, constatou-se que a convergência das áreas da Comunicação e da Educação Ambiental mostrando-se necessária, devido à complementaridade dos seus discursos sociais, mas a produção científica na região sul, envolvendo essas áreas, deve receber maior atenção.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação ambiental; produção científica; banco de teses CAPES; região sul.

1 INTRODUÇÃO

Diferentes áreas do conhecimento estão dedicando atenção e esforços, realizando pesquisas, experimentos e projetos para auxiliar na recuperação dos recursos naturais, na diminuição do impacto ambiental das indústrias e na mudança de atitudes da população. Por esse olhar, a Comunicação e suas diferentes áreas têm auxiliado na produção e divulgação de informações, conhecimentos e práticas sobre ações ambientais globais, focando tanto as iniciativas positivas quanto os impactos negativos.

O campo científico brasileiro vem incentivando e questionando pesquisas que colaborem com a mitigação dos problemas ambientais e, ao mesmo tempo, contribuam com um despertar de consciência ambiental e social em cada cidadão. Desse modo, a Educação Ambiental e sua ligação com as outras áreas do conhecimento vêm

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS, email: jamille.almeida@ufrgs.br

³ Orientador do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação (USP), Professora do Curso de Comunicação Social e do PPGCOM - UFRGS, email: ilza.girardi@ufrgs.br



responsabilizando-se por contribuir e estimular essa atitude nos diferentes níveis de ensino. Em relação, ainda, à importância sobre os estudos em Educação Ambiental, sabe-se que é uma área do conhecimento que busca referências em outras vertentes, mas também colabora na formação de outros conhecimentos, dando ênfase a sua característica de múltipla formação. Sendo assim, sabe-se que os estudos em educação ambiental deverão aumentar nas Universidades, pois as novas Resoluções do Conselho Nacional de Educação determinam a inclusão de conteúdos/disciplinas nos currículos dos Cursos Superiores⁴.

Assim, para esse artigo realizou-se uma pesquisa exploratória com o objetivo de conhecer qual a realidade da interdisciplinaridade entre Comunicação e Educação Ambiental nas produções dos Programas de Pós-Graduação da região sul do Brasil. O período selecionado para coleta de dados foi o ano de 2012, devido à disponibilidade de informações pelo Banco de Teses e Dissertações da CAPES – base de dados selecionada para realizar a pesquisa. Os trabalhos foram analisados de forma descritiva, buscando identificar os pontos norteadores de uma pesquisa: tema, problema, objetivos, hipóteses, referenciais teóricos e metodológicos, objetos de análise. Pode-se citar ainda que as pesquisas foram observadas pelo olhar da comunicação, utilizando-se do aporte teórico de Bordenave (1984) e Wolton (2011), para traçar uma relação com a Educação Ambiental.

Salienta-se que esse artigo foi construído a partir de estudos para compreensão do tema abordado, procurando uma aproximação com as duas áreas do conhecimento para elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, que será defendido no final deste semestre e busca compreender de que forma a comunicação pode auxiliar na sensibilização de estudantes em relação à educação ambiental. Logo, os resultados deste trabalho não abrangem todo o corpo teórico existente sobre o assunto, mas permite refletir e verificar a aproximação entre essas áreas do conhecimento.

2 CRUZANDO OS CAMINHOS: COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Endente-se que para compreender o papel de cada grande área do conhecimento nesta pesquisa, torna-se imprescindível uma breve explanação sobre o que se busca na

⁴ A Educação Ambiental está regulamentada pela Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. Essa informação está disponível em: <http://conferenciainfanto.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes.pdf>.



Comunicação e na Educação Ambiental, estabelecendo as possíveis ligações entre os dois campos.

Dessa forma, espera-se demonstrar que a educação ambiental e a comunicação apresentam características semelhantes e objetivos em comum, sendo possível criar uma relação direta entre as duas áreas, tanto no campo do saber quanto nas ações práticas. Essas interconexões são possíveis e necessárias, pois, como afirma Morin: “aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada” (2003, p. 16). Logo, apresenta-se uma reflexão sobre comunicação e educação ambiental, finalizando com a conexão das áreas em questão.

2.1 Contextualizando a Comunicação

Falar sobre comunicação é ao mesmo tempo vê-la criando vida nos processos de troca e interação entre sujeitos, sujeito e objeto. A construção dos saberes utiliza como base os processos comunicacionais, que podem realizar-se pela escrita, pela fala, pelos gestos, por imagens, e por outras diferentes maneiras proporcionadas pelo avanço tecnológico. Dessa forma, entende-se que a comunicação faz parte da existência humana, pois é por meio dela que sociedades e comunidades ganham forma e se consolidam (BRAGA; CALAZANS, 2001).

Por esses fatos, percebe-se que a comunicação conquistou o espaço para incidir diretamente nas relações culturais, econômicas e políticas das pessoas e dos países. Logo, Bordenave (1984) lembra que uma das funções da comunicação é possibilitar o relacionamento entre as pessoas e diferentes objetos, gerando uma transformação mútua e do seu meio social. Ele ainda informa que a comunicação é composta dos seguintes elementos: a) realidade ou situação onde se realiza, possibilitando a transformação; b) os interlocutores presentes; c) os conteúdos ou mensagens compartilhadas; d) os signos utilizados nas representações; e) os meios/canais utilizados para transmissão.

Entende-se, desse modo, que por meio da comunicação é possível modificar (resignificar) os significados atribuídos para as coisas pelas pessoas, gerando a transformação de comportamentos, valores e ideias. Destaca-se aqui o poder que a comunicação dispõe para colaborar e aprimorar a atuação e a evolução dos indivíduos no seu meio social.

As discussões sobre o poder da comunicação já alimentaram muitos debates e teorias, colocando-a, por vezes, como um fator negativo dentro das sociedades, julgada



por manipular, persuadir e seduzir “quem a recebe”. Por outro lado, apresenta-se a informação que, segundo Wolton (2011), é tida como séria e complexa, fazendo um contraponto à comunicação, ou, muitas vezes, utilizada como sinônimo de comunicar. Entretanto, para essa dualidade, Wolton (2011) afirma que informar não é comunicar, e defende a superioridade da comunicação, apresentando três razões. A primeira discute a relação entre os sujeitos, enfatizando o fato de não existir comunicação sem informação, logo o ato de comunicar exige uma maior complexidade devido às trocas entre interlocutores. O próximo argumento reflete sobre o descrédito dado à comunicação, apresentando desconformidade com a intensa busca pela comunicação, pois tantos recursos são investidos para aprimorá-la. Em relação ao terceiro ponto, Wolton questiona o fato de a comunicação estar ligada a situações ruins e a informação para coisas boas, sendo que as duas sempre estiveram juntas. Logo, por essa perspectiva, ele declara que:

Não há informação sem um projeto de comunicação. Há uma espécie de esquizofrenia nessa vontade de diabolizar a comunicação para louvar a informação. Quanto às tecnologias, da televisão à informática, elas desempenham, desde muito tempo, um papel essencial na emancipação individual e coletiva, sendo onipresentes em nossas vidas. (WOLTON, 2011, p. 12)

Por essas questões, entende-se que a comunicação deve ser (re) pensada, ou seja, é preciso canalizar as atenções para os novos desafios para comunicar; pois, segundo o mesmo autor, há um excesso de informações e há um engano ao achar que quanto mais se informa mais se comunica. Essa situação apenas enfatiza os desafios que a comunicação terá de enfrentar, incluindo as incertezas de seus processos e as dificuldades de se conviver e se comunicar em um mundo “sem fronteiras” e heterogêneo. Assim, Wolton argumenta que: “[...] a informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (2011, p. 12). Em virtude disso, seria possível compreender as mensagens e os processos comunicacionais relacionados com a Educação Ambiental, estabelecendo relações de interação pelo conhecimento trocado.

Para tanto, seguindo essa dualidade entre comunicação e informação, Wolton (2011) estabelece uma teoria da comunicação que discute os laços sociais em uma sociedade que sofre com os “ventos de uma globalização sem bússola”, guiada pela ação da convivência. Dessa forma, ele divide a teoria em cinco etapas:



Primeiro: a comunicação é inerente à condição humana. Não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar, tanto na escala individual quanto coletiva. Viver é se comunicar. *Segundo:* os seres humanos desejam se comunicar por três razões: compartilhar, convencer e seduzir. Com frequência simultaneamente por essas três razões, mesmo se isso nem sempre é enunciado. *Terceiro:* a comunicação esbarra na incomunicação. O receptor não está sintonizado ou discorda. *Quatro:* abre-se uma fase de negociação na qual os protagonistas, de modo mais ou menos livre e igualitário, tentam chegar a um acordo. *Cinco:* chama-se de convivência, com suas fragilidades e pontos fortes, o resultado positivo dessa negociação. A negociação e a convivência são procedimentos para evitar a incomunicação e as suas consequências, frequentemente belicosas. (WOLTON, 2011, p. 19)

Essa teoria permite compreender que a comunicação está relacionada com a ideia de vínculo – criação de laços, enquanto a informação está ligada aos dados. A comunicação não pode ser pensada sem levar em consideração a estrutura social e as relações de interação entre sujeitos e seus artefatos. Por essa reflexão, torna-se possível perceber que a comunicação precisa estabelecer laços sociais, que geram convivências e vivências dinâmicas e voláteis.

2.2 Aproximando-se da Educação Ambiental

O movimento ecológico brasileiro, durante a sua formação, propiciou que outras vertentes pela causa ambiental e social ganhassem espaço, como é o caso da Educação Ambiental (CARVALHO, 2008). A mesma autora aborda que a EA surgiu da “preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. [...] visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente” (CARVALHO, 2008, p. 51). Percebe-se que a EA está relacionada com a preocupação da crise ambiental e apresenta-se como uma ação que interessa a todos.

Por essa perspectiva, observa-se que a EA surgiu para alertar a população sobre o uso excessivo dos recursos naturais – água, minérios -, sobre a degradação do meio ambiente e estimular a participação popular em ações ambientais. Com a evolução dos conceitos e a intensidade dos desastres ambientais, a EA assumiu outra postura, focando em ações realmente educativas, que dialogam com outros campos do saber (CARVALHO, 2008).

Outras iniciativas contribuíram com a evolução da EA, como os inventivos da primeira ministra Norueguesa, que viabilizou pelo mundo a realização de encontros para



discutir os problemas ambientais. Essa ação resultou no livro *O Nosso Futuro Comum*, ou relatório de Brundtland. Esse documento forneceu as diretrizes para realização da ECO-92 ou Rio-92, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, e culminou o conceito de desenvolvimento sustentável, percebendo as questões ambientais pela lente da economia. Nesse momento, foi criado o Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis, que guia o projeto pedagógico da EA (CARVALHO, 2008).

Para buscar essa compreensão, o Brasil construiu a Agenda 21 Brasileira, assumindo importantes compromissos, como a promoção da educação para a sustentabilidade através da disseminação e intercâmbio de informações e experiências por meio de cursos, seminários, workshops e de material didático. Ainda, como consequências da ECO-92, foi criada a Rede Brasileira de Educação Ambiental e o fortalecimento das políticas e programas de EA. Em 1994, instituiu-se o Programa Nacional de Educação Ambiental pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Meio Ambiente, e em 1999 foi aprovada a Política Nacional de Educação Ambiental pela Lei 9.795, que sofreu alteração em 2012, definindo prazos para inclusão das diretrizes ambientais no currículo escolar. Dessa forma, essa política estabelece que a EA passe a fazer parte da formação dos diferentes sujeitos, integrando o campo educacional, contribuindo para o desenvolvimento de novas posturas e consciências. Assim, a EA é entendida como:

Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, Art 1º)

Essa visão permite-nos perceber que EA surgiu em um momento de despertar da sociedade, em virtude dos problemas sociais e da crise ambiental, mas consolidou-se como alternativa para orientar e conduzir a postura dos cidadãos globais. Por sua vez, Carvalho (2008) destaca que a EA no Brasil está sendo construída por uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo o saber dos diferentes campos do conhecimento para entender as relações que se colocam entre os seres humanos e o seu ambiente e de que forma o modificam. Nessa proposta, todos os saberes ganham espaço, incluindo os não escolares, como de comunidades e grupos com tradições locais.

Reigota (2006) alerta para a apropriação indevida de áreas como ecologia, biologia e geografia sobre os princípios da EA, logo essas dimensões do saber acabam



impondo suas visões para construção de uma prática que deveria ser transdisciplinar, e essas percepções acabam sendo transmitidas pela mídia. Dessa forma, não se pode reduzir o aprendizado sobre EA apenas para questões naturais, pois o entendimento sobre o ambiente deve ser completo, englobando as interações sociais e naturais.

Desse modo, conforme aponta Carvalho (2008), deve haver uma transformação do olhar, ampliando o campo de percepção dos sujeitos em relação ao meio ambiente e o que está envolvido na sua definição. Por essa perspectiva, torna-se possível uma (re) aproximação do homem junto à natureza e um questionamento sobre a sua posição vigente de superioridade. Assim, autora acrescenta que é preciso analisar essa questão pelo olhar socioambiental, entendendo que “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabeleçam uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, 2008, p. 36).

Por essa constatação, a autora entende que há espaço para formação de um sujeito ecológico, que guia a sua existência pela busca da consciência ambiental e o entendimento dos valores e crenças que guiam suas relações com os outros indivíduos. Dessa forma, todos podem construir uma identidade de sujeito ecológico, indo dos ecologistas mais radicais aos simpatizantes, que de alguma forma se esforçam para incorporar no seu comportamento algum valor/atitude ambiental e social.

2.3 Criando a Conexão

Ao pensar em um diálogo entre as áreas citadas, considerando suas características, ferramentas e limitações, percebe-se a possibilidade de estabelecer relações entre as ciências. Assim, proporciona-se uma maior ligação entre teorias e a ampliação no campo de atuação dos profissionais em questão.

Logo, quando um estudioso da Comunicação afirma que ela “serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. [...] Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos” (BORDENAVE, 1984, p. 36). E um pesquisador na área de Educação Ambiental (REIGOTA, 2006) argumenta que a educação ambiental não irá resolver os problemas ambientais sozinha, mas poderá influenciar positivamente nesse processo. Acrescentando, ainda, que AE é capaz de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, tomando consciência dos problemas globais para atuar em sua realidade local, resultando em mudanças de comportamento e efeitos concretos. Entende-se que essas falas se completam, ou seja, podem caminhar juntas, aprimorando e produzindo novos



conhecimentos, teorias, como já está sendo estudado tanto na graduação quanto nos Programas de Pós-Graduação em nível nacional, como ações práticas que estimulem o olhar para o ambiente.

Dessa forma, apresenta-se a pesquisa realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com o intuito de conhecer o que está sendo produzido em conjunto nas duas áreas citadas na região sul do Brasil.

3 PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para entender as informações abaixo, faz-se necessário a descrição de como foi realizada a coleta de dados e as delimitações traçadas para formulação da pesquisa.

Com a reformulação do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a delimitação temporal da pesquisa precisou ficar concentrada no ano de 2012, pois, no momento, estão disponíveis apenas os materiais defendidos no ano citado⁵. Logo, tendo de trabalhar com as pesquisas do ano de 2012, iniciou-se a busca com as palavras-chave Comunicação AND Educação Ambiental, conforme dicas de pesquisa recomendadas pela CAPES no portal.

Foram encontrados pelo sistema um total de 58 trabalhos segmentados em: mestrados acadêmicos (50), mestrados profissionais (4) e doutorado (4). Como a pesquisa tem o seu recorte para a região sul do país, a busca foi refinada para os trabalhos realizados nas instituições de ensino localizadas nos estados que compõem essa região. Essa etapa reduziu o número de trabalhos para 20 pesquisas dentro os três estados. No entanto, observou-se que nem todos os trabalhos filtrados atendiam o objetivo da pesquisa, necessitando um novo olhar.

Salienta-se que para realizar a pesquisa exploratória, a coleta de dados, além de ser definida pelas palavras-chave, considerou também a forma e o significado como as palavras apareceram no título e no resumo disponível. Dessa forma, foi determinado que a palavra comunicação deveria estar empregada representando um processo comunicacional, por meio de ações, ou ligada a um de seus elementos, apontados por Bordenave (1984) nesse texto, intermediando atividades ou instrumentos de educação ambiental.

Por conseguinte, chegou-se ao total de quatro trabalhos, dos 20 filtrados, classificados como dissertações acadêmicas e defendidos em diferentes Programas de

⁴ Essa informação pode ser encontrada na página da CAPES na internet, com o título “Garantindo a fidedignidade dos dados da pós-graduação”, no endereço: <http://capesdw.capes.gov.br/noticia/view/id/1>.



Pós-Graduação. O estado do Rio Grande do Sul aparece com um trabalho, assim como Santa Catarina; já o estado do Paraná concentrou dois trabalhos.

A dissertação defendida por Krischna Silveira Duarte, no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, intitula-se *O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: Jornaleco um programa de Tv Ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental*. O trabalho foi realizado a partir de uma Pesquisa-Ação-Participante desenvolvida com nove crianças de oito a dez anos de idade, por meio de uma oficina intitulada Criando Ambientes Comunicativos Sustentáveis e o programa de TV JORNALECO.

Segundo a autora, essas atividades tinham o objetivo de que as crianças se apropriassem da técnica e da linguagem audiovisual, estimulando a criação de novos produtos audiovisuais que lhes permitissem a livre expressão e despertando uma visão crítica sobre as imposições da mídia. Essa técnica também primou por despertar nos alunos as suas responsabilidades sobre o ambiente e como suas ações tem impacto nas relações ambientais e sociais. Antes e após essas atividades, um questionário foi aplicado junto às crianças para entender as possíveis evoluções de cada um sobre o papel da mídia e sua ligação com o meio ambiente. Por essa metodologia, Duarte informou que sua pesquisa tinha por desafio:

Criar pequenas rupturas no modo serial instituído de pensar e agir. Nossa problemática de pesquisa emerge a partir de reflexões a respeito da influência negativa da mídia sobre nossas relações ambientais, sociais e mentais. Vinculado à linha de pesquisa Educação Ambiental Não-Formal (EANF), este estudo objetiva a criação de novas subjetividades, resgatando o comprometimento e a responsabilidade do ser humano com o ambiente, contribuindo assim para formação de cidadãos crítico-transformadores da crise ambiental vigente. (2012, p. 13)

O trabalho foi construído priorizando a discussão sobre o poder de manipulação da mídia com ênfase em produtos audiovisuais com enfoque para crianças. A autora traz para discussão autores que em seus estudos analisam o papel da comunicação, como Bourdieu, Bucci, Lèvy, entre outros. Duarte preocupa-se também em detalhar o referencial sobre audiovisual, detalhando informações sobre surgimento das imagens e como foram colocadas em movimento. Em relação à Educação Ambiental, percebe-se que autora não se preocupou em definir o que se entende por esse saber e partiu construindo o trabalho com foco na comunicação.



Dessa forma, a mesma autora afirma ainda que a pesquisa foi pensada com intuito da linguagem audiovisual permitir-se ir além do espetáculo televisivo, cumprindo seu papel social como um instrumento de mudança, indo ao encontro dos objetivos da Educação Ambiental. Assim, torna-se possível resgatar valores de solidariedade e cooperação, reintegrando o ser humano ao contexto sistêmico do ambiente.

Após o desenvolvimento da metodologia traçada, Duarte (2012) chega a algumas conclusões, como:

As respostas dos questionários evidenciam que após a oficina os participantes apresentaram maior compreensão do fenômeno de manipulação midiático. As crianças identificaram os processos de manipulação e serialização das subjetividades e alcançaram um nível de compreensão destes fenômenos que permite traçar paralelos entre serialização midiática, o incentivo ao consumo e a degradação ambiental. (DUARTE, 2012, p. 92)

Outro ponto percebido foi a ampliação do olhar das crianças para o seu cotidiano e a capacidade de questionar e refletir sobre os problemas ambientais globais e locais, incentivando o seu reconhecimento como cidadão e sua importância para mudar a realidade de degradação ambiental que estão submetidos. Esses apontamentos sobre as crianças foram possível pelas atividades realizadas por meio da comunicação e seus artefatos, demonstrando que educação para o meio ambiente pode ser promovida com o auxílio dos suportes midiáticos.

Em relação ao estado de Santa Catarina, coletou-se a dissertação defendida por Susana Mezzari, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, intitulada *A revista Nova Escola e as tendências em Educação Ambiental*. A autora informa que o:

Objetivo do estudo foi verificar quais as tendências de educação ambiental se fazem presentes nos artigos publicados pela revista *Nova Escola* entre os anos de 2006 e 2010. Isso porque a revista está sendo adotada por muitas escolas e por seus educadores como subsídio para o trabalho pedagógico. (MEZZARI, 2012, p. 28)

A pesquisadora justifica sua atenção de análise para um veículo de comunicação, pois considera essa ação importante, ainda mais quando inserida nas instituições de ensino, e pode levar os leitores/educadores a construir percepções sobre práticas de educação ambiental fora de um contexto socioambiental. A maior parte do trabalho está organizada para problematizar a Educação Ambiental, apresentando seu histórico,



desafios e a ligação com a sala de aula. Apenas na Metodologia que a Comunicação, por meio de seus veículos, será discutida, mas como suporte para contextualizar o objeto de análise. Há uma maior preocupação com o conteúdo e forma como ele está sendo construído, do que uma reflexão sobre o papel da revista.

A metodologia de análise trabalhou com pesquisa bibliográfica, analisando 50 exemplares de Revistas Nova Escola, dos quais foram selecionados 33 artigos com temáticas ligadas ao meio ambiente. Esse corpus foi segmentado conforme as tendências de EA, a saber: técnico-científica, natural-conservacionista, ecológica e socioambiental, a qual obteve o maior número de publicações (MEZZARI, 2012).

Pela análise do material, a autora informa que a pesquisa buscou mostrar as carências, as falhas e os acertos do veículo, pois as escolas apresentam como uma de suas funções a socialização, contribuindo para formação cidadã dos alunos e uma leitura crítica da mídia e da realidade. Dessa forma, Mezzari (2012) conclui que o estudo buscou auxiliar e direcionar os educadores por metodologias significativas para o ensino da Educação Ambiental, observando a união da teoria com a prática e ampliando o olhar para a função principal da EA. A autora ainda acrescenta que “os educadores devem estar preparados à decodificação, à compreensão e o manuseio das imagens e construções/reportagens da mídia, mas nem sempre há uma formação necessária, que seja capaz de observar e entender todo esse processo” (MEZZARI, 2012, p. 113). Logo, a proposta da Revista é válida e positiva, mas cabe ao leitor ter pensamento crítico e conseguir relacionar os conteúdos com a realidade na qual está inserido, questionando, por vezes, os conteúdos apresentados sobre o meio ambiente.

No estado do Paraná, a primeira dissertação defendida foi no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, por Diego Marques da Silva, intitulada *A Caracterização da Interpretação Ambiental pelo Conteúdo das Mensagens: Análise da Atividade de um Guia do Parque Estadual Mata dos Godoy: (Londrina/PR)*. Nesse trabalho, percebe-se a Interpretação Ambiental como uma ferramenta da Educação Ambiental, apresentando como objetivo principal a comunicação. Dessa forma, esse trabalho demonstra a importâncias das mensagens emitidas nas atividades de interpretação ambiental, estabelecendo uma ligação com um dos elementos da comunicação com foco no receptor.

Silva informa que “um dos elementos mais importantes para a Interpretação Ambiental é o conteúdo das mensagens emitidas, ou seja, as informações que se diz à



audiência por meio da fala ou de mídias impressas e eletrônicas” (2012, p. 15). Logo, apesar de não ficar claro o papel da ação comunicacional na dissertação, com a utilização de referencial teórico, entende-se que sua participação está intrínseca em todo o processo. A maior parte da construção bibliográfica está voltada para o papel da educação e da interpretação ambiental.

Assim, a pesquisa foi guiada pelo seguinte objetivo: “entender que conteúdos servem para caracterizar a Interpretação Ambiental realizada, o que eles podem indicar em relação à avaliação desta atividade e a partir de que método analisá-los na comunicação interpretativa” (SILVA, 2012, p.15). Para respondê-lo, o autor realizou Análise de Conteúdo de uma situação prática, na qual as falas de um intérprete do “Parque Estadual Mata dos Godoy” (Londrina/PR) compuseram o corpus da pesquisa. O autor relata que os resultados obtidos possibilitaram um melhor entendimento sobre os conteúdos das mensagens transmitidas ao público e a importância do intérprete ambiental em saber o impacto do conteúdo de sua fala, pois suas mensagens de capacidade de influenciar no comportamento da audiência.

A segunda dissertação encontrada no estado do Paraná foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, por Mônica Maria Pinto, intitulada *Comunicação e Educação em Campanhas de enfrentamento e adaptação às Mudanças Climáticas*. A autora justifica sua pesquisa devido à importância que as ações ligadas às mudanças climáticas ganharam perante a mídia e ao poder público, com a realização de encontros mundiais governamentais. Também informa que a mídia acaba trabalhando com o agendamento desses assuntos, procurando assumir um papel de agente de educação ambiental, tornando necessária sua problematização.

Por conseguinte, o referencial teórico do trabalho é detalhado e extenso, conseguindo abordar todos os assuntos envolvidos para construção da pesquisa, como mudanças climáticas, o papel da comunicação e a importância da educação ambiental. Dentro da comunicação, Pinto (2012) detalha questões sobre jornalismo ambiental, mobilização social e educação socioambiental, trazendo teóricos importantes para essa discussão. Mas, percebe-se que a autora busca uma comunicação com foco midiático e enfatiza a importância do jornalismo ambiental e o seu papel como formador de massa crítica, para chegar ao papel educativo.



A autora ao propor-se examinar a ligação interdisciplinar entre a comunicação e outros campos do conhecimento, focando na interface ambiental, com ênfase na educação, estabelecendo o seguinte objetivo de pesquisa:

Investigar o potencial de prática da interface entre comunicação e educação – em esfera formal ou informal -, sobre os argumentos levantados por um recorte do movimento social ambientalista: a Campanha TicTacTicTac, que agregou agentes da sociedade civil organizada em vários países no final de 2009, visando “mobilizar a opinião pública” no sentido de que “os governos se posicionem e estabeleçam metas ambiciosas e justas em prol de decisões concretas para combater as causas das mudanças climáticas”. (PINTO, 2012, p. 16)

Para começar investigar o objetivo, Pinto (2012) partiu da hipótese de que os movimentos sociais têm o potencial de contribuir com a democracia, ocasionando em saberes desvinculados de interesses, tanto políticos quanto econômicos, e verificar se a comunicação realizada por essas organizações, mediadas por atividades pedagógicas, contribui para impulsionar o exercício da cidadania. Logo, a autora utilizou a metodologia de análise de conteúdo da linha francesa (BARDIN, 1977) para analisar dois corpus de pesquisa: onze informativos distribuídos *online* pela organização responsável por promover a TicTacTicTac e uma mostra de notícias que midiáticas sobre a repercussão da campanha.

Como resultados da pesquisa, Pinto (2012) informa que a comunicação realizada pela organização ligada ao movimento ambientalista, bem como as notícias veiculadas por outras mídias demonstraram acontecer de uma forma imperativa, como se fosse uma alimentadora de fluxos de informação. Dessa forma, as interações sociais esperadas pela comunicação não se estabeleceram, perdendo também o caráter didático do material. Logo, a autora enfatiza que se faz necessária uma transformação nesse processo para que papel pedagógico dos conteúdos se concretize, respeitando os recursos naturais e colaborando com a melhora do ambiente.

4 REFLEXÕES

A pesquisa realizada no Banco de Teses da CAPES, com recorte para região sul do Brasil, buscando a interdisciplinaridade entre Comunicação e Educação Ambiental, resultou na identificação de somente quatro dissertações de mestrado acadêmico, sendo



uma no estado do Rio Grande do Sul e uma em Santa Catarina; já no estado do Paraná, foram observadas duas dissertações com o enfoque estabelecido.

Pelas reflexões sobre os pontos norteadores de uma pesquisa – tema, problema, objetivos, hipóteses, referencial teórico e metodológico e objetos empíricos -, por vezes encontrados claramente nos trabalhos, outras vezes não, pode-se constatar que as dissertações que conversam entre Comunicação e Educação Ambiental buscam na primeira uma posição crítica e social para auxiliar no processo de reflexão e conscientização da população sobre os problemas ambientais e a necessidade de mudança de hábitos e atitudes.

Nota-se, tão logo, que os trabalhos coletados entendem a comunicação na perspectiva apresentada no referencial desse artigo por Wolton (2011) e Bordenave (1984). A comunicação exercida por um processo dialógico e de trocas, no qual emissores e receptores trocam informações e, principalmente, há uma interação social para que o conhecimento circule. Com isso, espera-se que a população desenvolva engajamento e relações mútuas com o ambiente, por meio de atitudes responsáveis, proporcionando novas formas de ver o seu entorno e perceber a sua função no meio social. Foram encontradas algumas ressalvas em relação à Comunicação em alguns trabalhos, os quais esperavam que a essa propiciasse um papel emancipador sobre o cidadão, como também uma crítica à posição da comunicação em alguns suportes.

Percebe-se que as pesquisas focaram-se nos elementos da comunicação (BORDENAVE, 1984), como os conteúdos ou mensagens compartilhadas e os meios/canais utilizados para transmissão. Os autores acreditam que a comunicação pode e deve ser uma área parceira da educação ambiental, possibilitando que essa alcance os seus objetivos. Percebeu-se, no entanto, uma ausência na articulação que se pode fazer entre os pressupostos de cada área pela quantidade mínima de trabalhos encontrados. Entende-se que a de disponibilidade dos materiais pela CAPES dificultou essa pesquisa, mas ao mesmo tempo permitiu um “estretar de laços” com a produção científica nesses campos, incentivando que outras propostas sejam pensadas para produção acadêmica.

Dessa forma, a convergências das áreas da Comunicação e da Educação Ambiental vem mostrando-se necessária, devido à complementaridade dos seus discursos sociais. A ciência da comunicação está exercendo seu papel social ao contribuir com as mensagens e as práticas comunicadas pela Educação Ambiental, que busca o despertar das consciências, as mudanças de comportamento, o entendimento do seu meio social, cultural, natural e o (re) contato dos sujeitos com a natureza.



Acredita-se que a formação do comunicador social deva permear pelos diferentes saberes, fortalecendo a transdisciplinaridade do seu conhecimento, formando uma visão holística, ou seja, percebendo de forma integrada o todo ao seu redor. Logo, o comunicador deve estar atento às diversas questões que influenciam a vida dos sujeitos, impactando positiva ou negativamente, como os assuntos relacionados às questões ambientais. Deve-se considerar, também, que os educadores ambientais apoiam-se na comunicação para desenvolver e lutar pelo que acreditam, assim, a troca entre as duas áreas só permite enriquecer e popularizar essas novas ciências.

REFERÊNCIAS

- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1984
- BRAGA, Jose Luiz. **Comunicação e educação : questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2008
- DUARTE, Krischna Silveira. **O Audiovisual na Educação Ambiental não-formal: Jornaleco um programa de TV Ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamenta**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Educação Ambiental. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
- MEZZARI, Susana. **A Revista Nova Escola e as tendências em Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2012.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita : repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ : Bertrand Brasil, 2008
- PINTO, Mônica Maria. **Comunicação e Educação em Campanhas de Enfrentamento e adaptação às Mudanças Climáticas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVA, Diego Marques da. **A Caracterização da Interpretação Ambiental pelo Conteúdo das Mensagens: Análise da Atividade de um guia do Parque Estadual Mata dos Godoy: (Londrina/PR)**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.